



**Entrevista:
Carlos Carvalho**

Leticia Silva de Jesus

A fotografia a serviço da preservação da memória de populações tradicionais

Photography preserving the memory of traditional populations

Leticia Silva de Jesus*

Otimista com a difusão da imagem em um momento em que a fotografia está ao alcance de praticamente qualquer pessoa – profissional ou não – com acesso a um aparelho celular, Carlos Carvalho é sem dúvida um nome a memorizar pelo seu trabalho como fotojornalista e documentarista no Brasil.

Coordenador geral do FestFotoPoA – Festival Internacional de Fotografia de Porto Alegre, esse fotógrafo carioca, trabalhou como freelancer para as principais revistas e jornais brasileiras e internacionais. Não por acaso, esteve entre os coletivos que ajudaram a transformar o modo de veiculação das imagens no país nos anos 1980. É dele a fotografia que simboliza a vida extrativista dos seringueiros no Acre, das casas de farinha do Alto Juruá e de Cruzeiro do Sul, também no Acre e dos assentamentos do MST.

Foi o fotógrafo que driblou os altos e baixos da profissão como independente, o que rendeu-lhe grandes reportagens em jornais e revistas brasileiras e estrangeiras. Possui experiência no ensino da fotografia nas principais universidades do Rio de Janeiro e do Acre. Também atuou em projetos em parceria com algumas ONGs.

Hoje, Carvalho é editor da revista eletrônica Mesa de Luz e do blog de mesmo nome; sócio-diretor do Estúdio Brasil Imagem – Produção Cultural em Fotografia e membro fundador da Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil, da qual é vice-presidente.

* Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade de Mogi das Cruzes, SP (UMC). Especialista em Fotografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Monitora de fotografia no Projeto Comunicação Cidadã – Agência da Boa Notícia Guajuviras - ABNG (Unisinos /FEEVALE / Prefeitura de Canoas, RS).

Carlos Carvalho*Fotografia: Leticia Silva de Jesus*

Amante do cinema, Carvalho assinala que a fotografia foi um erro de percurso que acabou dando certo. Ele nota que o ato fotográfico não pode se reduzir a um processo mecânico entre distância, abertura e velocidade de uma câmera. É uma linguagem que resulta de comprometimento e sensibilidade, que vai muito além da experiência. Construir história por meio da fotografia com estilo endógeno são marcas que aparecem na sua maneira de registrar beleza e dignidade de pessoas espalhadas pelos recantos brasileiros, muitas vezes vistos com olhares exóticos.

Orgulhoso pelo caminho traçado, seu trabalho como fotojornalista e documentarista renderam-lhe prêmios significativos de direitos humanos e teve suas fotografias apresentadas nos principais centros culturais do País.

Modesto e contador discreto, Carlos Carvalho concede-me essa entrevista em setembro de 2012, na sua residência, em Porto Alegre - local escolhido para o seu descanso após a maratona da primeira semana do 6º FestFotoPoA. Seu testemunho oferece uma perspectiva e aprofundamento de todo registro que realizou em culturas brasileiras distantes. Irônico, brincou com o que pode ser entendido como contradição profissional, mas que significa sem conflitos pessoais, mudança de relação

com a vida e com o tempo “A vida inteira como fotógrafo documentarista, trabalhei muito no sentido de resgatar coisas que, para nós era considerado atraso, mas para mim era sabedoria profissional. Hoje sou um cara que coordeno um festival de fotografia que se pretende o mais multimídia possível.”

Entrevista

Leticia Jesus – Como começou o interesse por fotografia?

Carlos Carvalho – Não sabia o que queria quando comecei a fotografar. Estava fora do Brasil e ia para rua e fotografava. Oriundo da Escola Belas Artes, no meu grupo de amigos eu era o único que não era fotógrafo. Posso dizer que em minha vida a fotografia foi acidente de percurso. Para mim, a história era cinema. Nunca me imaginei fotografando. Quando senti o momento de ter uma orientação, fui para uma faculdade. Daí comecei a fazer alguns trabalhos. Quando voltei para o Brasil, comecei a fazer uns trabalhos em fotojornalismo e entrei de cabeça. Não tinha menor dúvida de que seria diferente.

Leticia Jesus – E quando a carreira de fotojornalista entrou na sua vida?

Carlos Carvalho – Comecei a fotografar profissionalmente em 1982, mas senti fotógrafo profissional no ano 1988/89 no sentido de ter pleno domínio. Já estava vivendo do fotojornalismo diário, mas o domínio técnico do tema e do que você quer mesmo, isso par mim veio na década de 90. Aí não só me afastei do jornal, como depois vi que também poderia estar dentro das agências.

Leticia Jesus – Você sempre priorizou o trabalho como fotojornalista independente?

Carlos Carvalho – Venho do fotojornalismo diário e sempre trabalhei de forma independente em jornal e revista. Somente no período

do Collor acabei ficando por dois anos como fotógrafo de O Globo. Fora isso, construí minha carreira sempre autônoma. Era um ambiente profissional para o fotojornalista que se tinha condição de escolher se queria batalhar por uma vaga no jornal ou atuar como autônomo. Quando entendi direito como que as coisas funcionavam nos jornais, resolvi não ficar fixo. Até porque, naquele momento também havia o movimento das agências independentes. Havia um cenário político acontecendo no país com pauta como Movimento Operário do ABC paulista, anistia e outros. Na minha cabeça não tinha o porquê ficar preso numa redação do jornal que ia te mandar fazer outra coisa para vender. Aliás, os jornais custaram muito a participar do debate político. Na verdade, o debate político que interessaria pela fotografia mais presente não estava acontecendo dentro da redação. Então, defini que seria autônomo. E depois de algum tempo, já conhecendo algumas agências, acabei me fixando na Angular (SP).

Letícia Jesus – Quando você inclinou-se para a fotografia documental?

Carlos Carvalho – Na conferência que o Rio sediou há 20 anos, a ECO-92 estava sem trabalho e cobri o evento por minha conta. Ali conheci o pessoal do Acre. O Chico Mendes tinha sido assassinado em 1988, mas antes, tinha tentado encontrar com o Chico no Rio de Janeiro por duas vezes. Nas duas vezes deu problema e não encontrei com ele. Então, não conheci o Chico. Somente ali em 1992 conheci o pessoal do Acre. Imediatamente montei um projeto que me levasse ao Acre. Consegui aprovação de uma ONG Americana e era um projeto de três meses. Quando recebi o Ok deles, dizendo que o projeto foi aprovado, mas a grana só viria no final do ano, não aguentei, vendi tudo e fechei meu apartamento. Era um projeto ambiental sobre a vida extrativista dos seringueiros.

Letícia Jesus – O que é importante no trabalho documental?

Carlos Carvalho – Tenho uma visão um pouco diferente. Não vejo só denúncia, só miséria. Pelo contrário, vejo a dignidade e alegria

nas pessoas. A história da denúncia perdeu peso e força. A principal denúncia é aquela que as aquelas pessoas moram na favela e são felizes, têm trabalho, vida e propostas. Para mim, isso foi o principal e hoje é o que mais me interessa.

Leticia Jesus – Qual era o objetivo dessa documentação junto aos seringueiros do Acre?

Carlos Carvalho – Não fui lá fazer a repercussão da morte do Chico Mendes, queria mesmo ver o que significava ser um trabalhador seringueiro, morar dentro da floresta e ser um seringueiro.

Fui para ficar três meses e acabei ficando quatro anos. Cheguei lá, prei! Primeiro você sai do ritmo urbano para entrar em uma história completamente diferente. Segundo, existia uma falta de mão de obra qualificada local muito grande. Então fiz de tudo lá, inclusive, fotografei. Eles tinham acabado de ganhar uma Toyota e ninguém sabia dirigir; fiquei de dirigir o carro para eles e aproveitava já ia fotografando. Voltei de lá em 1996 e já existia o Imagens da Terra, que era um grupo recém-formado pelo João Roberto Ripper. O Ripper tinha me convidado para fazer parte do Imagens da Terra, mas não acreditei nesse projeto. Quando cheguei o Imagens da Terra já tinha sido funcionado enquanto grupo documental. Então, quando entrei o Imagens da Terra já estava na sua última fase. E ali comecei a me preparar para botar a funcionar o meu arquivo que tinha sido gerado na Amazônia.

Leticia Jesus – Qual foi o motivo que o levou a persistir na documentação dos seringueiros na Amazônia por dez anos?

Carlos Carvalho – Essa documentação do Acre ela é, não diria o fechamento, mas a consolidação daquilo que vinha à minha cabeça e não sabia direito o que era em termos de fotografia documental. A gente faz muita crítica dizendo que o gringo tem uma visão exótica do Brasil, mas o brasileiro tem visão exótica do Brasil e da Amazônia. Para o brasileiro, a Amazônia é papagaio, arara e macaco em galho de árvore. E não é isso. As pessoas pegam uma grana e vão a Miami, mas não vão para Belém,

Manaus ou Rio Branco. Até que parei de brigar com isso, relaxei e tentei fazer o meu material com mais originalidade possível. Na verdade, sempre me senti vendedor deles. Depois de certo tempo não era meu objetivo fazer um livro para mim, mas fazer algo como resposta para o pessoal do Acre que me abriu as portas. Foi esse trabalho no Acre que consolidou a minha fotografia documental, consegui uma linguagem pessoal e me deu cacife para outras coisas.

Letícia Jesus – A migração para o trabalho documental mudou seu comportamento e percepção de mundo?

Carlos Carvalho – Mudou. Quando você está no fotojornalismo, você está fazendo de alguma forma o que o jornal quer. Por mais que seja teu o conteúdo, você está oferecendo ao jornal. O que vai sair no jornal não é o que você queria. O documental, não. No documental aprendi que a fotografia não é transformadora de si própria. Ela é parte de tudo aquilo; ou você se abre para aquela relação ou não vai adiantar nada. O trabalho documental me obrigou a ter certa relação com as pessoas que jamais tinha antes. Fotografamos com nossa bagagem cultural. Nossa foto é nossa foto e mais tudo aquilo que aprendemos de imagem. Para nos livrarmos disso, não basta olhar foto, tem que se transformar. Isso não é fácil porque estamos lidando com ego.

Letícia Jesus – Você se considera agente construtor e transformador da história?

Carlos Carvalho – Transformador, não. Acho que no futuro quando se debruçarem sobre a história do Acre e dos seringueiros não tem sombra de dúvida, terão que correr atrás do meu trabalho. Quando fui procurar a história do seringueiro na Amazônia não existiam imagens do seringueiro trabalhador. Existiam imagens do produtor de borracha, do dono do seringal, das bolas de borrachas, do casarão do dono do seringal. A imagem do seringueiro trabalhador não existia. Então, no futuro quando quiserem pesquisar os seringueiros, terão que correr atrás do meu trabalho. Não tenho menor dúvida de que fixei uma imagem e tenho maior

orgulho disso. Agora, agente transformador, não. Meu trabalho embora tenha escolhido um lado, demarcou terreno na defesa do cara que aprendeu a viver na floresta.

Leticia Jesus – Na atualidade, como você lida com o atual momento da fotografia na era das novas tecnologias?

Carlos Carvalho – Nunca fui refratário às novas tecnologias. Pelo contrário, inclusive as fotografias que não consegui um bom contraste no laboratório, já no computador seguro legal. Consigo fazer no computador o que jamais conseguia fazer no laboratório. Os novos programas de imagem facilitam muito em termos de laboratório. Hoje, trabalho direto com máquina digital. Poder escanear e dar o tratamento que não consigo no laboratório, acho maravilhoso.

Leticia Jesus – Você diz que morou no exterior, nasceu no Rio de Janeiro, passou por São Paulo, Acre e entre outras cidades. Como foi que parou no Rio Grande do Sul?

Carlos Carvalho – Quando vim para Porto Alegre não imaginava ficar por aqui esse tempo todo e estou aqui há dez anos. Casei com uma gaúcha que conheci dentro do MST, em 1996, na grande marcha a Brasília. Naquela época, ainda no Imagens da Terra, ofereci uma assessoria de imprensa direta. Por causa dessa proximidade com o MST, acabei conhecendo minha atual esposa. Ela era assessora de imprensa do MST, morava em São Paulo e depois foi para o Rio de Janeiro. Logo veio por motivos familiares, mas imaginei que iria ficar por aqui uns dois anos e ela também. Na verdade, o primeiro ano em que passei aqui já como morador, não passei aqui. Estava no Acre. Fiquei seis meses no Acre e depois mais três meses fazendo imagens das Casas de farinha.

Leticia Jesus – E esse trabalho que você vem desenvolvendo no FestFotoPoA, como nasceu?

Carlos Carvalho – O festival nasceu com uma constatação de que havia uma demanda local por um grande evento de fotografia. Todo

mundo àquela época debatia um evento que, de alguma forma, substituísse a Bienal de Curitiba. A Bienal de Curitiba marcou muito o pessoal daqui. Chegou-se a fazer esse movimento com o coordenador da Bienal, que chegou a vir a Porto Alegre. Por fim, chegamos a uma seguinte constatação: faltava quem metesse a mão na massa. Então em 2007 a gente criou o FestFotoPoA.

Letícia Jesus – Desde o início já se pensava em um evento de cunho internacional?

Carlos Carvalho – Para nossa sorte a fotógrafa Martine Franck, viúva de Cartier-Bresson aceitou nosso convite. Ela tinham ido ao FotoRio 2005 e, em 2007 na hora de fazer a promoção do FestFotoPoa, chamei o Zeca Linhares, embora morando no Rio. E ele de brincadeira falou que ia convidar a Martine. Ele convidou e ela aceitou. A única exigência dela é que o voo deveria ser pela Air France. Tomamos um susto com o aceite e achamos que era uma burrice não deliberar isso. Corremos atrás de patrocínio e com a vinda da Martine, o festival em 2007 nasce com grande nome internacional e se mantém como evento internacional.

Letícia Jesus – O grande diferencial do FestFotoPoA é ser um evento multimídia?

Carlos Carvalho – A ideia é nascer com perfil diferente dos outros festivais. Ser um festival multimídia, um festival de projeções. A gente não estava inventando a roda, porque essa história de projetar imagens é antiga. Só que agora estamos propondo organizar a bagunça. E com a ideia multimídia, ele iria acompanhar a evolução tecnológica, que além de se propor exibir fotos projetadas, se propunha ser contemporâneo. Em 2007 só tinha coleção em PowerPoint. Hoje nem quero ouvir falar de PowerPoint. Hoje a gente só aceita inscrição do trabalho em vídeo, porque lidar com vídeo e programa de edição faz parte do *mitiê* do fotógrafo.

Este tipo de trabalho descentraliza o festival e pode ser olhado de qualquer lugar. Sempre foi nossa intenção descentralizar, porque para nós é uma forma de democratização. Esse é o principal objetivo: descentralizar e democratizar o acesso nacionalmente e internacionalmente. Em 2009 nós fomos o primeiro festival a transmitir o evento via internet. Ao mesmo tempo cuidávamos da qualidade do conteúdo, também cuidávamos das formas expositivas para manter o festival com aspecto contemporâneo. E nessa edição, muitas vezes estava na mesa mediando e recebia mensagem do nordeste, do Acre. Então, acertamos nisso.

Leticia Jesus – Coordenar um grande festival é lidar com adversidades. Como explicar essa nuance?

Carlos Carvalhos – Este ano tivemos problema de orçamento e é um ano que pretendemos radicalizar essa parte multimídia. Lançamos uma série de cartaz pela cidade com aqueles QR Code, que são código de barras em 2D que, quando decodificada pela câmera do smartphone, exibe informações que estão contidas no link do festival. Tudo que está sendo projetado dentro da sede do FestFotoPoa também vai poder ser acessado através desses QR Code espalhados pela cidade. Negociamos com a empresa de ônibus para colocar esses adesivos dentro dos ônibus. Assim, o passageiro pode acessar uma das projeções do festival. Estamos passando por um processo de transformação do festival enquanto conceito. A gente quer que a parte multimídia seja tão grande ou maior do que a parte presencial. A parte presencial do festival acontece na primeira semana com palestras, debates e a exposição do homenageado. A gente quer continuar rodado em tudo em que é lugar. Via amigos, mandamos esses adesivos para França, Espanha, EUA, Equador, Bolívia, Argentina, Uruguai e Chile. Além dessa história da radicalização da parte multimídia, a gente está querendo preparar a parte de rede social do festival para que a clientela do festival seja mais interativa. A gente vai lançar um portal do festival, onde tudo que se discute em todas as edições do festival vai ali para dentro.

Leticia Jesus – O que o motiva coordenar um festival fora do eixo dos grandes centros culturais?

Carlos Carvalho – Na verdade o que me encoraja é essa gente toda envolvida. É a certeza de ter amigos. Para mim, existem coisas importantes em ser coordenador: Primeiro, é ter um festival fora do eixo Rio-São Paulo. Sou carioca e sei o que é morar no Rio e agora sei o que é ficar fora de lá. Todo mundo me conhece e se eu não gritar ninguém me ouve de lá. Isso é natural! Então, a gente tem que lidar com isso sob duas formas: Não brigar com isso, mas não deixar que se contamine pelo festival; busco manter a originalidade, a identidade e ter a capacidade de formulação de coisas diferentes do eixo Rio- São Paulo. Segunda coisa importante, é que o festival tem um conselho curador dos mais diversos possíveis. É isso que a gente queria ver no festival: diversidade.

Leticia Jesus – Vamos falar um pouco do mundo-imagem. Para você, existe alguma relação entre o digital e a banalização da fotografia?

Carlos Carvalho – Não faço essa relação de banalização da fotografia com o digital. Hoje existe uma disponibilização maior de aparelhos que fazem imagens. E isso não é ruim. Pelo contrário, primeiro que dessacraliza o mundo da fotografia. Segundo, a gente não faz ideia de quantos filmes foram feitos com o analógico. Será que não foram bilhões de imagens que foram feitas? A gente não sabe porque não teve difusão. O que as pessoas estão fazendo hoje é, só substituindo a caixa de sapato por HD. Como é mais visível, o que se tem é o aumento de imagens para ser colocadas à nossa frente. Na verdade, o que aumentou foi a difusão e a circulação das imagens. Não mais se armazenam imagens, mostram.

Leticia Jesus - Que sociedade é essa que produz imagens?

Carlos Carvalho – É a primeira vez que a humanidade se deslumbra com si própria. Ela não está acreditando com o que está acontecendo na frente dela. Só acho que a gente vai assistir uma nova fase com os veículos de comunicação. Os meios de comunicação vão perceber que vale a pena voltar a fazer a grande história. Vão redescobrir a grande história através do fotógrafo.

Leticia Jesus – Para finalizar, uma questão mais filosófica: O que é mais importante em uma fotografia?

Carlos Carvalho – É olhar uma imagem e achá-la legítima. Do contrário, é uma foto sem compromisso, sem vontade, sem o mínimo de relação com aquele exato momento.